um milagre propriamente dito. Todas as realizações econômicas grandes ou pequenas possuem uma origem social derivada de algum valor que foi produzido por alguém. Caso não fosse dessa forma, as coisas poderiam ser inventadas a partir do nada. E os milagres realmente existiriam pois somente o sobrenatural os explicaria. E simplesmente porque os militares, aureolados com uma mística de organização superior e uma imagem de patriotismo ficcional, constituiriam a razão de ser do progresso no período em que governaram com mão de ferro.

Quando é dado o golpe em 1964, a repressão soube intervir num ponto nevrálgico para a acumulação capitalista: os sindicatos dos trabalhadores. Líderes mais politizados e mobilizadores das categorias foram expulsos, desaparecidos pela truculência ostensiva ou silenciados pela advertência do que poderia ocorrer com eles, isso quando não sofriam a difamação pura e simples, aliados das direções das agremiações pelas quais foram eleitos com legitimidade. No lugar, foram nomeados pelegos, os carneiros com os quais a ditadura podia contar. Este ataque às organizações sindicais permitiu controlar a variável salário. Não haveria mais negociação salarial, porém imposição de cima para baixo dos índices de reajuste diante da inflação. O salário estava agora sob implacável controle.

Houve um decreto lei para regulamentar tais procedimentos. Foi o de número 4725, sancionado em 1965, em 13 de julho. Ele rezava sobre o critério a ser seguido como reajuste salarial, embora antes, por meio de portarias, a número 10, editada no ano anterior, em 10 de junho, o arrocho já tivesse sido iniciado. O decreto lei foi apenas a sacramentação dessa prática. Propunha o doutoral desiderato que o reajuste dar-se-ia pelo cálculo estimativo de três termos: o salário real médio dos últimos 24 meses anteriores ao último acordo; um adicional de produtividade; e uma expectativa da inflação esperada. Sua elaboração se deve ao ilustre economista Mario Henrique Simonsen, excelso aficcionado das matemáticas a serviço da redução do padrão de vida dos trabalhadores em benefício da produtividade do capital.

Com a adoção desse parâmetro, o reajuste saía defasado em virtude do tempo excessivamente longo de cálculo, retroativo a 24 meses atrás; a produtividade que era uma estimativa calculada para ser conveniente ao conjunto do grande capital a fim de não prejudicar sua rentabilidade e imposta pois não poderia ser questionada por aqueles que a receberiam; e a inflação esperada era pré-determinada para ser propositadamente aceita como sendo menor que a do presente.

O resultado dessa santíssima fórmula foi terminante arrocho salarial, suportado pelos trabalhadores de rendimento mais baixo, a maioria da classe trabalhadora brasileira que ganhava menos, igual ou pouco acima de 1 salário mínimo. O efeito destruidor já se fez sentir nos primeiros anos de vigência do dito decreto. E foi reconhecido pelo próprio Mario Henrique Simonsen décadas depois em publicação na revista *Conjuntura Econômica*, editada pela

Fundação Getúlio Vargas, onde esse egrégio sábio trabalhou como professor emérito até os últimos anos de vida com saúde.

Com isto, a reprodução existencial dos trabalhadores ficava mais barata para os capitalistas. Poderiam oferecer muito mais empregos novos de custo reduzido com a benesse dos salários reprimidos. Se antes do golpe de 1964, um pai de família poderia trabalhar e sustentar sua prole a partir de seus rendimentos, agora trabalharia ele, a mulher e os filhos. De fato, o Milagre Brasileiro geraria muitos empregos, em verdade, pelo sacrifício dos próprios trabalhadores assalariados. Pois assim se desvenda o mistério do couro saírem as correias. Quanto aos trabalhadores de patamar intermediário na estrutura produtiva, ocupantes de cargos gerenciais, de comando mais estratégico nas empresas, como engenheiros, chefes, supervisores e outros de tal gênero, um segmento dito como classe média ou pequena burguesia, sempre estreitíssima camada no país, mas prontos a agirem como capatazes impiedosos de seus senhores, estes receberiam salários com gratificações e remunerações acima da inflação, porém gerados pela base salarial segregada da maioria dos trabalhadores. Figuravam os letrados, diplomados, aproveitando-se consciente ou inconscientemente das graças da ditadura de chicote em punho. Hoje estes podem alimentar até saudades e suspiros dos tempos da truculência. O chicote não desceu sobre eles.

Nessa época do Milagre Brasileiro, o indicador oficial de inflação era o Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas. Sua metodologia de aferição se compunha de 60% de preços no atacado, 30% de preços ao consumidor e 10% de preços da construção civil. Foi idealizado lá em meados dos anos 40 muito mais para aferir a inflação que acercava as empresas que compram no atacado com preços menores no rateio por unidade do que para espelhar as aflições com o custo de vida dos trabalhadores em especial os mais pobres que compram no varejo. Trata-se de indicador válido também, porém bem mais ajustado ao capital em suas vicissitudes do que ao trabalho em suas circunstâncias. Somente quase vinte anos depois, em fins de anos 50, foi configurado o Índice de Custo de Vida (ICV), calculado pelo DIEESE, direcionado para estimar as necessidades dos trabalhadores que adquirem sua subsistência no varejo.

Quando se abre o contraste entre Salário Mínimo e ICV utilizando o critério medidor de pontos base (pb) no período pós-64 até 1974, no propósito de verificar perdas e ganhos salariais e por decorrência saber qual o valor real de aquisição de uma nota de 100 cruzeiros no decorrer de 10 anos, chegou-se ao seguinte quadro estatístico:

QUADRO – SALÁRIO MÍNIMO x CUSTO DE VIDA x PERDA x VALOR REAL

	MÍNIMO (pb)	ICV (pb)	PERDA %	V REAL (R\$)
1964	100,00	100,00	0,00	R\$ 100,00
1965	157,14	153,87	2,13	R\$ 102,13
1966	200,00	234,50	-17,25	R\$ 82,75
1967	250,00	294,93	-17,97	R\$ 82,03
1968	308,57	371,79	-20,49	R\$ 79,51
1969	371,43	455,44	-22,62	R\$ 77,38
1970	445,71	531,22	-19,18	R\$ 80,82
1971	537,14	664,83	-23,77	R\$ 76,23
1972	640,00	815,21	-27,38	R\$ 72,62
1973	742,86	1.031,48	-38,85	R\$ 61,15
1974	988,57	1.395,39	-41,15	R\$ 58,85

FONTE: www.portalbrasil.net.

Dados: Salário Mínimo e ICV

Elaboração do Autor

No ano de 1965, ainda houve um ganho de 2,13%, era um pirulito da ditadura aos trabalhadores porém, dali em diante, as perdas acumuladas somente cresceram. Em 1974, a perda acumulada alcançou 41,15% como se observa no quadro. Uma nota de 100 cruzeiros valeria apenas 58,85 cruzeiros de poder de compra efetivo.

Foi com corte de salários que também se arrefeceu a inflação e mesmo assim o salário mínimo, base do rendimento de toda a sociedade, foi corroído acintosamente em termos reais de capacidade de compra e sem qualquer apelação. Mandava quem podia e obedecia quem tivesse juízo.

O famigerado Milagre Brasileiro foi assim sendo soerguido. Não foi por dádiva magnânima dos céus em bençãos a cair como chuva sobre o deserto. Poder-se-ia examinar também outras variáveis econômicas de peso, mas com somente esta, já é possível ter pálida noção do que enfrentaram os trabalhadores no cotidiano desses anos de obscuratismo, com disfarces de inteligência, agora em escrita neste exíguo espaço demonstrativo para acomodar estas poucas letras e arrazoados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. H. M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984, p. 78.
- GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. **A ditadura escancarada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. **A ditadura derrotada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. **A ditadura encurralada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- SIMONSEN, M. H.; CAMPOS, R. de O. **A nova economia brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 1-22.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.